

A506724

Indústria

Fale com a editora:
ecferreira@redgazeta.com.br

A GAZETA Vitória (ES), quinta-feira, 2 de setembro de 2010

P. 19

ECONOMIA 19

Celulose. Projetos para o Espírito Santo continuam adiados, segundo o grupo

Fibria vai investir R\$ 17 bi para dobrar sua produção

DIVULGAÇÃO

No Estado, fábrica deve ser construída a partir de 2020, mas depende de nova floresta de eucalipto

RITA BRIDI
rbridi@redgazeta.com.br

■ A Fibria, maior empresa brasileira de celulose de fibra curta e detentora de 30% do mercado mundial de celulose de eucalipto, se prepara para dobrar a produção nos próximos 10 anos. Com produção anual de 5,4 milhões de toneladas, a empresa planeja investir cerca de R\$ 17,6 bilhões em três sites industriais para chegar a 10 milhões de toneladas até 2020. Os projetos para o Espírito Santo continuam adiados.

A fusão da Votorantim Celulose e Papel e a Aracruz, que resultou na Fibria, a maior empresa do setor no país, completou ontem um ano. E a parte financeira, que era um complicador pelo fato de as duas empresas terem dívidas antes da fusão, já não é a principal preocupação.



MAIOR DO PAÍS. Atualmente a produção anual do grupo, que detém 30% do mercado mundial, é de 5,4 milhões de toneladas

informa o presidente da Fibria, Carlos Lira Aguiar. No início da negociação que resultou na fusão, a dívida era de R\$14 bilhões e atualmente está em R\$10 bilhões.

A antiga Aracruz, que tinha dívidas resultante de operações com derivativos, conseguiu quitar também os compromissos que tinha com 13 bancos. Para isso, entretanto, foi necessária a venda da unidade de Guaíba, no Rio Grande do Sul. "Era a unidade menor e a mais antiga e a perda em termos de produção", destaca Aguiar.

Com as operações realizadas, a Fibria conseguiu abater parte substancial da dívida, abrir as portas do mercado para novos empréstimos para alongamento da dívida e redução de seus custos. O resultado obtido foi tão bom para a empresa, que "daria um caso para Harvard estudar", comenta Aguiar. "A Fibria nasceu com o DNA de empresa moderna e tem o mais elevado nível de governança corporativa no país", enfatiza.

A empresa optou por investir onde já tem plantas industriais e disponibilidade de florestas de eucalipto. Veracel na Bahia, e Três Lagoas, em Mato Grosso do Sul serão duplicadas. A área florestal também está sendo ampliada. No Rio Grande do Sul será construída outra planta de produção de celulose e os plantios de eucalipto já foram iniciados em 60 mil hectares.

No Espírito Santo, a quarta fábrica deverá ser construída a partir de 2020, mas ainda de-

pende da formação de nova floresta de eucalipto. Os novos plantios, entretanto, serão iniciados no próximo ano, depois da posse do sucessor do governador Paulo Hartung. Para garantir o fornecimento de madeira para a nova fábrica a Aracruz precisará de mais 100 mil hectares de eucalipto.

Aguiar disse acreditar que não ocorrerão mudanças no novo governo, na legislação que se refere ao plantio de eucalipto. Entretanto, antes de tomar a decisão, a empresa prefere aguardar a posse do novo governador. "Temos trauma do passado, quando foi proibido o plantio de eucalipto no Espírito Santo", revela.

Grupo busca mais interação com comunidade

■ Uma das ações da Fibria é a busca por uma maior interação com as comunidades vizinhas de suas unidades no Espírito Santo, Bahia e Mato Grosso do Sul. Atuar na capacitação de mão de obra e ampliar o número de fornecedores locais, abrindo mais espaço para as pequenas e micro empresas, são algumas das propostas do plano de inserção das comunidades locais na vida das unidades do grupo. No Estado, explica o presidente da Fibria, Carlos Lira Aguiar, os parceiros que vão elaborar o plano, serão o Instituto Futura e o movimento Espírito Santo em Ação.

Índios de Aracruz recebem repasse de R\$ 1,8 milhão

RICARDO MEDEIROS

Recursos serão destinados à execução dos projetos para o desenvolvimento das aldeias indígenas

■ Hoje, em Brasília, representantes da Fibria, da Fundação Nacional do Índio (Funai), e das comunidades indígenas de Aracruz assinam o termo de compromisso para viabilizar o repasse de R\$1,8 milhão. O dinheiro vai beneficiar os integrantes de sete aldeias no Estado.

O montante, que será aplicado em projetos que contribuam para o desenvolvimento das comunidades indígenas, será repassado à Associação Indígena Tupiniquim e Guarani (AITG) e à Associação Indígena Tupiniquim de Comboios (AITC).

As duas associações serão responsáveis pela gestão dos recursos que serão direcionados à implantação e execução dos projetos para o desenvolvimento sustentável das comunidades indígenas. As propostas foram definidas a partir de estudos feitos nas aldeias.

"A assinatura do documento representa o esforço da empresa na busca de uma solução sustentável para as comunidades indígenas. Esperamos que os projetos contribuam para o desenvolvimento das aldeias",



PROJETOS. Em busca de soluções sustentáveis, afirma Aguiar

destacou o presidente da Fibria, Carlos Lira Aguiar.

Os recursos serão distribuídos entre as sete aldeias representadas pela AITG (Caieiras Velhas, Irajá, Areal, Pau-Brasil, Três Palmeiras, Boa Esperança e Piraquê-Açu) e a aldeia representada pela AITC (Comboios). Caberá ao Conselho Gestor Tupiniquim e Guarani (composto por representantes das aldeias e da Funai) acompanhar a aplicação do dinheiro.

O termo de compromisso é um desdobramento do Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) assinado em 3 de dezem-

bro de 2007, e que encerrou uma antiga disputa de terras entre a empresa (então Aracruz) e as comunidades indígenas. O TAC previa a demarcação, pela Funai, de 11 mil hectares como terra indígena. Esse processo foi realizado em 2008.

A empresa assumiu compromisso em repassar R\$ 1,2 milhão para atender demandas da comunidade, - realizado em 2008 - financiar um estudo etno-ambiental por entidade indicada pelos índios e pela Funai - concluído em maio de 2010 - e apoiar em até R\$1,8 milhão projetos derivados do estudo.